

## Festividades combativas: etnografia dos eventos Marcha para Jesus e Parada do Orgulho LGBT na cidade de São Paulo

Juliana Cristina Alves Silva e Marcello Múscari

---



**Editora**

Núcleo de Antropologia Urbana da  
Universidade de São Paulo

**Edição electrónica**

URL: <http://pontourbe.revues.org/3280>

ISSN: 1981-3341

**Referência eletrónica**

Juliana Cristina Alves Silva e Marcello Múscari, « Festividades combativas: etnografia dos eventos Marcha para Jesus e Parada do Orgulho LGBT na cidade de São Paulo », *Ponto Urbe* [Online], 19 | 2016, posto online no dia 31 Dezembro 2016, consultado o 10 Janeiro 2017. URL : <http://pontourbe.revues.org/3280> ; DOI : 10.4000/pontourbe.3280

---

Este documento foi criado de forma automática no dia 10 Janeiro 2017.

© NAU

---

# Festividades combativas: etnografia dos eventos Marcha para Jesus e Parada do Orgulho LGBT na cidade de São Paulo

Juliana Cristina Alves Silva e Marcello Múscari

---

- 1 Durante o feriado de Corpus Christi, a cidade de São Paulo se evidencia como palco de dinâmicas sociais em torno de diferentes grupos que se apropriam da cidade para manifestar seus pertencimentos, pautas e posições religiosas e políticas. Grandes avenidas são bloqueadas para dar passagem à multidão, que em sua aproximação muda as paisagens cotidianas das estações de metrô e vias de acesso nas proximidades da Avenida Paulista e região da Luz. Chegando à Av. Paulista: plumas, pouca roupa, bandeiras coloridas e *glitter* compõem a vigésima edição da Parada do Orgulho LGBT, mais conhecida como Parada Gay. No trajeto da Marcha para Jesus, pegadas com pedidos de oração se espalham pelo chão e grupos de diferentes tamanhos se aglomeram, identificados com camisetas de igrejas ou com dizeres bíblicos.
- 2 A Marcha para Jesus, ocorrida exatamente no feriado do dia 26 de maio e dias antes da Parada, se iniciou com uma aglomeração na região da estação da Luz, localizada no centro de São Paulo, e percorreu, com um público crescente, diversas avenidas até chegar à Praça Heróis da FEB na Zona Norte da cidade, onde uma grande estrutura foi montada. O público do evento era bem variado com razoável equilíbrio na distribuição de mulheres e homens. Apesar da maioria jovem, boa parte dos grupos trazia uma quantidade significativa de crianças e idosos.
- 3 Por todo caminho vimos vendedores ambulantes que ofereciam a transeuntes e fiéis, por cerca de R\$ 25,00 as camisetas oficiais da Marcha trazendo as inscrições: “Marcha para Jesus 2016” e “Jesus é o Alfa e o Ômega – Ap. 22:13”. Chegando à praça, encontramos espaços bem organizados e divididos, compostos por um grande palco a céu aberto, uma praça de alimentação com diversos gêneros alimentícios e bebidas não alcoólicas, um

posto de atendimento médico e por fim, uma pequena piscina de plástico para realizar batismos.

- 4 Os participantes que chegassem à piscina e assim desejassem, poderiam ser batizados, independentemente de já serem iniciados em alguma religião ou já terem passado por batismos anteriormente. Ao passarmos em frente à piscina, nos ofereceram um batismo sem questionarem nosso pertencimento religioso. Todos os batismos que assistimos foram realizados por pessoas que não faziam parte de lideranças formais do evento e muitas pessoas foram batizadas por amigos que as acompanhavam. Durante a cerimônia não era preciso fazer qualquer tipo de profissão de fé, apenas mergulhar nas águas e sair aplaudido pelo público ao redor.
- 5 Na região do palco, que se iluminava com uma grande placa escrita “Jesus”, as pessoas se espalhavam em grupos, muitas com as camisetas oficiais do evento e muitas outras com vestimentas próprias que funcionavam como uniformes, indicando o nome da igreja que faziam parte e alguns dizeres religiosos como: “Jesus salva”, “Eu vou morar no céu”, entre outros.
- 6 Apesar de cheio, o evento tinha fácil circulação. Os grupos se concentravam nos shows e pregações que ocorriam no palco e em outras atividades organizadas paralelamente pelos fiéis que atendiam à Marcha e aconteciam concomitantes às apresentações principais. Entre estas atividades, um casal pedia dinheiro para seu casamento e vendia doces para ajudar na arrecadação e um grupo com cerca de 30 pessoas jogava capoeira entoando cantos com letras que falavam de Deus e salvação.
- 7 Enquanto isso, no palco, por diversos momentos, a Marcha era destacada como uma marcha da família, e os pastores e cantores reiteravam a importância do evento e afirmavam que as pessoas que se encontravam ali eram um “povo separado e que precisavam fazer a diferença neste mundo”, apelando para a conversão de quem ainda não fosse cristão. Houve ainda um momento de oração clamando a Deus que abençoasse os governantes e cuidasse da situação política do país.
- 8 Os novos fiéis que se convertiam deveriam levantar as mãos em sinal da decisão e eram conduzidos pela equipe da marcha a um corredor que os levava até atrás do palco, onde receberiam orações e se desejassem poderiam se batizar na piscina. A equipe oficial do evento também ficava responsável por solicitar silêncio aos fiéis da plateia enquanto as pregações ocorriam.
- 9 O clima geral era de festa e cantores de música gospel animavam o evento. Nenhum dos muitos grupos que compunha a multidão consumia bebidas alcoólicas. As pessoas cantavam com entusiasmo e algumas arriscavam uma dança nas canções mais conhecidas. Dentre as canções: rap, pop e sertanejo, com letras que enfocavam temáticas sobre vida cristã e a relação dos fiéis com Deus.
- 10 Na Av. Paulista movimentos similares podem ser observados. Ali não eram camisetas que identificavam grupos, mas carros de som. Enquanto na Marcha um grande caminhão liderava toda multidão, a Parada era composta por diversos caminhões no estilo trio elétrico, maiores e menores, alinhados a cada um dos sub grupos e coletivos que compõem a organização geral do evento. A justificativa para tanto talvez possa ser encontrada na importância de se manter a especificidade das pautas e perspectivas encarnadas no coletivo de algo genérico designado por LGBT.
- 11 É neste esforço por lançar visibilidade à pautas específicas que, por exemplo, realizou-se pelo décimo ano consecutivo, no dia anterior à Parada LGBT, a Marcha de Lésbicas,

partindo do mesmo local e descendo pela rua Augusta. Também na Parada haviam ambulantes vendendo vestimentas. Neste caso adereços: tiaras com flores, bandeiras, cordões emplumados. Pouca roupa e fantasias pareciam ser os trajes preferidos.

- 12 Em seu aspecto sócio-demográfico, a Parada era composta majoritariamente por homens sozinhos e casais gays, travestis, e uma quantidade menor de mulheres sozinhas ou em casais (é de se supor que a maior parte das lésbicas do movimento tenham preferido participar de sua própria marcha realizada no dia anterior), de diversas faixas etárias, mas concentrando-se entre jovens pelos vinte anos e adultos na casa dos quarenta. É possível encontrar, com alguma facilidade, pessoas que não se identificariam como compondo a sigla LGBT, mas que participam da Parada para apoiar as causas ali defendidas, ou somente participar da festa e assistir aos shows e trios elétricos.
- 13 Assim como a Marcha, a Parada também tem um clima de festa que se estende por toda Avenida Paulista e desce a Consolação. Uma festa porém, bem diferente da evangélica. Diversas pessoas chegam mais cedo, antes da abertura oficial do evento para encontrar amigos, beber e interagir. O erotismo é um elemento constante em todo o evento, que se encerrou em uma grande festa com shows no Largo do Anhangabaú.
- 14 Nos trios elétricos, as músicas variavam de gênero, passando por pop, axé e ritmos internacionais, todos celebrados com muita dança em cima dos caminhões e pelo público que circulava entre os diversos carros e estilos musicais.
- 15 O caráter político da Parada também nos chamou especial atenção. O tema da Parada deste ano estava ligado ao combate à Transfobia, e slogan era “Lei de identidade de gênero já! Todas as pessoas juntas contra a Transfobia!”. Nos carros, que traziam a letra T na frente, houve momentos de discursos pela igualdade de gênero e direitos para a comunidade LGBT, livre manifestação de desejos e neste ano, um grande destaque para os constantes gritos de “Fora Temer”, evidenciando a contrariedade à situação política no poder executivo brasileiro. Sempre que iniciados por alguma parte, os gritos de protesto eram efusivamente acompanhados pelos trios e público do evento.
- 16 Durante a parada, também pudemos perceber duas situações paralelas: de um lado, Viviany Belebony, transexual que havia sido hostilizada por desfilar em uma cruz em 2015, neste ano, estava vestida com uma fantasia repleta de símbolos religiosos, com críticas às posturas da bancada evangélica no Congresso nacional; do outro lado, um grupo evangélico distribuindo “abraços grátis” aos passantes e entregando mensagens religiosas. Ao serem questionados sobre o intuito da presença na Parada, o grupo afirmou acreditar que a homossexualidade é pecado, mas que Deus ama todas as pessoas igualmente.
- 17 Situações como estas deixam ainda mais evidente que mais do que um palco de dinâmicas sociais, a cidade também se coloca como um espaço de disputa entre grupos. Chama-nos atenção que, por parte dos promotores tanto da Marcha para Jesus quanto da Parada LGBT, o que está em questão é a criação de um evento público e político de afirmação das próprias práticas, mirando, em graus variados, públicos internos e externos, e em interações diferenciadas com os espaços da cidade.
- 18 Aqui os nomes não devem ser subestimados, e as acepções militaristas são claras: uns, que eventualmente se afirmam como o exercito de cristo, *marcham*, andam de forma ordenada, marcando passo; outros realizam uma *parada*, desfile em que uma guarnição militar se apresenta ordenada em eventos festivos. A despeito de haver um intervalo de dois dias entre os eventos, e eles se realizarem em regiões não tão próximas na capital

paulista, ambos se apresentam dispostos à disputa. De fato, por dois anos, em 2005 e 2006, ambos os eventos foram realizados na Av. Paulista, tendo sido o evento evangélico obrigado a realizar-se em outras regiões por uma decisão da Prefeitura a fim de limitar o número de eventos públicos no local por ano.

- 19 Apesar da disposição combativa que encarnam, para qualquer olhar sobre os dois eventos e para seus protagonistas, tratam-se imediatamente de duas grandes festas (guerra e festa, afinal, talvez seja um mote bom para pensar dinâmicas de grupos em perspectiva histórica). Se quisermos lembrar uma imagem cara aos antropólogos, aproximam-se dos *potlatch*, grandes exibições ritualizadas de força de um grupo para o outro e para espectadores.
  - 20 São, contudo, exibições que se realizam cada qual em seus próprios termos, encarnando como que antípodas. Pode-se imaginar que para cada um dos grupos, a festa do outro é como que o oposto de uma festa, ou uma péssima festa; tamanha a discrepância entre as performances, símbolos e valores mobilizados.
  - 21 De todo modo, em seus próprios termos, ambos os grupos parecem animados e festivos, algo intensificado pelo grande encontro, que poderia ter sido descrito ao início do século como um momento de eferescência coletiva.
- 

## AUTORES

### **JULIANA CRISTINA ALVES SILVA**

Bacharela em Ciências Sociais na Universidade de São Paulo (USP), pesquisadora no Laboratório do Núcleo de Antropologia Urbana (GERM/NAU) e no Núcleo de Estudos de política, esfera pública e religião (NUPRE/USP).

### **MARCELLO MÚSCARI**

Mestre em Antropologia Social e Cultural pela UFRGS, Doutorando em Antropologia Social pela USP e Pesquisador do Centro de estudos de religiosidades contemporâneas das culturas negras (CERNe/USP)